



Quem ensina a escrever?



Ana Elisa Ribeiro

Texto-base da palestra de abertura do III Congresso Internacional de Ensino de Língua Portuguesa (Conelp), proferida na manhã do dia 13 de setembro de 2023, presencialmente, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Maracanã).



Quem ensina a escrever?



Ana Elisa Ribeiro

Sumário

Uma apresentação com avisos	4
Quem ensina a escrever?	6
Oficinas em rede	7
Culpados culposos	7
Escrita criativa, cremos	9
Sem sentença	9
Um filme, uma série, tomar liberdades	11
Do impossível discreto	11
Vagabundagem importante	12
Escrever pela via lateral	14
Fontes de inspiração	16
Nota da autora	17
Sobre a autora	18

Uma apresentação com avisos

Nesta manhã carioca, inicio minha fala agradecendo aos organizadores do Conelp pelo convite, assim como aos colegas presentes, todas e todos. Sou professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, o CEFET-MG, onde atuo nos três níveis de ensino, isto é, dou aulas de Redação no Ensino Médio, abordo a escrita e a edição no bacharelado em Letras e colaboro com temas semelhantes no mestrado e no doutorado. Minha formação é em Letras, língua materna, com mestrado e doutorado em Estudos Linguísticos pela UFMG. Bem, mas pode ser que alguém me conheça e saiba um pouco sobre meu trabalho. Alerto que não vou falar sobre multimodalidade, multiletramentos, letramento digital etc... Espero não frustrá-los muito com essa escolha. Vou falar de algo que está mais na base disso. Vou falar sobre ensinar a escrever, que tem sido minha paixão e meu ofício na vida (o escrever), minha missão e meu trabalho (o ensinar a escrever) e minha tentativa de encontro com outras pessoas que escrevem, que gostam de escrever, mas também com as que não sabem que gostam (talvez as que jamais gostarão, fazer o quê?).

Vou falar em poder semiótico, informada pelo professor Gunther Kress, embora sem citar trechos de sua obra. Vou falar sobre ler e escrever, sem citar conforme a ABNT. E vou falar sobre escrever e ensinar a escrever, provocada tanto pela minha experiência em salas de aula quanto pela observação do que se passa ao meu redor.

Obrigada, desde já, por me ouvirem por alguns minutos, nos quais espero instigá-los, e não importuná-los.

Quem ensina a escrever?

Muita gente ensina a escrever. Não apenas os professores e as professoras de português. Sem me arriscar demais, aliás, talvez justamente muita gente que não é exatamente professor/a de português ensine a escrever mais; e melhor. Mas isso não afirmo assim sem consequência e nem sem fundamento. É que ensinar a escrever pode querer dizer tantas coisas... que não cabe no que chamamos de “aula de português”. E também quer dizer que as “aulas de português” podem estar dedicadas a fazer várias coisas, e escrever seja apenas uma delas, e talvez a mais periférica e adiada. É claro que nisso me sinto triste e desamparada... e me sentia quando era estudante e me interessava profundamente pela escrita. E encontrava nela admiração, alívio e até um campo profissional de difícil acesso. Também percebia omissão e desinformação sobre vastas possibilidades com a escrita. Eu e ela, ela e eu, sem uma intermediação que a fizesse parecer alcançável.

Oficinas em rede

Zanzando pelas redes sociais, encontramos muita gente ensinando a escrever. São incontáveis oficinas de escrita oferecidas por pessoas que escrevem. Elas simplesmente escrevem e talvez tenham algum reconhecimento por isso. E aí se oferecem para ensinar. Muitas vezes porque isso, afinal, é uma fonte de renda; outras vezes porque é mesmo a profissão e a especialização de quem anuncia. Em vários casos, estudam, leem manuais, aprendem exercícios, que passarão a pessoas interessadas às vezes em escrever, outras tantas em ganhar prêmios ou ficar famosas. É curioso. Ah, e não só há muita oferta de oficinas de escrita, mas muita gente ensinando a publicar. Outros quinhentos.

Uma parte dessas pessoas que ensinam a escrever tem formação na área de Letras, que é onde estão, segundo nossos caixotes acadêmicos, as pessoas que se especializam em língua portuguesa e em ensiná-la (mas ensinar língua não é sinônimo de ensinar a escrever). Outra parte imensa dessas pessoas tem formação em coisas completamente outras ou não tem mesmo formação alguma para ensinar a escrever. Digo, formação nesse sentido acadêmico, técnicas, metodologias, didáticas, conteúdos desenhados com base em evidências científicas. Porém é preciso dizer que uma parte considerável das pessoas que atuam como professores e professoras de português também não tem essa formação ou a ignora quando entra, de fato, nas escolas da Educação Básica. Vou me ater aos ensinamentos Fundamental e Médio, que são onde as pessoas que se formam em Letras podem estar, se fizerem licenciatura. Mas é possível também que as pessoas estejam na Educação Superior, onde provavelmente pensarão que todos e todas os/as estudantes sabem escrever com desenvoltura, mas nem sempre eles sabem.

Culpados culposos

Bem, daí que uma parte dos professores da Educação Superior culpa justamente os colegas e as colegas da Educação Básica por esse en-

contro desajeitado com estudantes de graduação, e mesmo em Letras, que sentem muita dificuldade de escrever, em especial gêneros do discurso que jamais escreveram antes. No entanto, são justamente esses professores e professoras do Ensino Superior os/as responsáveis pela formação daqueles/as colegas da Educação Básica, os mesmos que ensinam ou desensinam a juventude a escrever.



Escrita criativa, cremos

Uma investigação ligeira pelas redes sociais nos fará encontrar muita gente ensinando a escrever. Geralmente são cursos de “escrita criativa”, mas também podem ser cursos de gêneros específicos do meio acadêmico. Se há tanta oferta, deve haver procura. Embora em classes não muito numerosas, e até porque enorme parte desses cursos é paga, deve sempre haver muita gente interessada em aprender a escrever, seja por motivação artística, profissional ou acadêmica. Um desejo ou uma necessidade do tipo que se torna intransponível.

Mas o que quero é dizer que há muita gente que oferece seus préstimos como professor e professora de escrita (e não necessariamente de língua), mesmo quando a formação foi absolutamente empírica, sem leituras em linguística, por exemplo. E é na linguística que cremos estarem os conhecimentos de que precisamos para entender a escrita, seus processos, suas armadilhas, além de uma mirada muito menos prescritivista. No entanto, mesmo sem isso, há quem consiga ensinar algo muito importante para o escrever: a coragem e a liberdade.

Sem sentença

Não estou condenando quem oferece seus serviços de professor ou professora de escrita, desde que isso seja honesto. É preciso estudar. É importante saber por que certos exercícios existem e em que eles ajudam quem não sabe ainda manejar a língua com a finalidade de escrever algo. E, vejamos, quando lemos as postagens no Facebook do professor e linguista Sírio Possenti, é claro que ficamos bem desconcertados com os conhecimentos que ele expõe sobre vírgulas, sujeitos, predicados e concordâncias. E com como ele sempre diz que a Educação Básica formal não se baseia, até hoje, no conhecimento científico em linguística. Patinamos em prescrições insensíveis.

Ao reler um dos livros mais conhecidos da professora e linguista Irlandé Antunes, e menciono *Português na sala de aula – encontro e interação*, uma obra de mais de duas décadas, fico estarecida com a maneira

como ela defende um ensino de língua materna mais interativo, mais voltado à cidadania plena, mais acessível. Aliás, minha perplexidade não é porque ela defende isso, mas sim porque tudo o que ela dizia, duas décadas atrás, ainda cambaleia, e as coisas mudaram muito pouco, isso se observamos, por exemplo, tanto os livros didáticos quanto as práticas de ensino nas salas de aula. A começar pelo fato de que as pessoas jovens continuam escrevendo bem pouco, proporcionalmente; seguem com medo ou aversão pela escrita, em infinitos casos; e se mantêm alheias ao conhecimento científico em linguística. Elas, seus pais e mães, seus irmãos, seus colegas, seus vizinhos.

Um filme, uma série, tomar liberdades

O filme se repete. Ao perguntar aos meus alunos de Ensino Médio quantos textos eles e elas escreveram no ano anterior, a resposta é sempre muito aquém do que eu acho razoável. Está claro que, embora ensinar a escrever (e toda a enormidade de coisas que isso implica, especialmente para além da gramática tradicional) seja uma das tarefas do professor e da professora de Português, é a que fica mais à margem. Vêm antes um ensinar a ler (também relativo) e um ensinar literatura (também controverso); ao cabo, as “redações”, contaminadas, desde muito cedo, pela fórmula-Enem. A escola, em qualquer época, é um ambiente de muito controle e constrangimento. Não é fácil, nem simples, ser um professor ou uma professora cheios de liberdade e iniciativa, daqueles que vemos nos filmes. Às vezes, infelizmente, é melhor dizer àquele aluno ou àquela aluna que perguntam por um curso ou pedem um conselho sobre escrever: “procure este curso aqui, ó”. Fora da escola. Além, mais além, onde é possível acercar-se da escrita, tocar nela, meter-lhe as mãos e tomar com ela intimidades. Sem isso, não se escreve.

Do impossível discreto

Mas há ainda outro ponto: o tempo. Ensinar a escrever é uma impossibilidade. Supondo que seja possível ao menos aproximar alguém de sua escrita (uma voz própria, um manejo particular), é de se dizer que isso dá trabalho. E não só a quem escreve e cumpre seus exercícios. Quem ensina precisa, além de desenhar um método e uma trilha, ler, ler, ler, comentar, comentar, comentar, interagir. Nas palavras de Irandé Antunes: o encontro e a interação. Sem isso a escrita ricocheteia sem retorno. Quem escreve precisa de retorno, precisa de quem leia-escute. E isso gera horas de trabalho, horas de concentração e dedicação, um tempo que os professores e as professoras da Educação Básica geralmente não têm, porque isso lhes é vedado, e talvez justamente para que jamais ensinem bem a ler e a escrever. Para quem

recebe das mãos da gestão escolar ou da coordenação um documento avisando sobre quinze turmas, cada uma com quarenta estudantes, escrever será, de fato, uma miragem. Para todos.

Vagabundagem importante

Para muitos, a postura de quem lê é a de um vagabundo. A pessoa está parada, movendo quase apenas os olhos, em silêncio. Aparentemente, não “produz”. E assim são os professores que têm condições de ler os textos de seus alunos. Se a cena for essa, talvez esses estudantes estejam aprendendo a escrever ou se acercando de uma escrita mais autônoma e criativa. Mas colegas e gestores que assistem a isso preferem dizer: “essa pessoa precisa se ocupar mais”. E aí ceifam qualquer chance de “encontro e interação”, porque a escrita *gasta o tempo*, assim como a leitura. Elas são atividades que vão queimando o tempo lentamente, como quando observamos um pavio aceso. Ler e escrever têm uma velocidade assim. Não se salta, não se adianta. São cliques e mais cliques que vão acontecendo, à medida que a experiência vai se consolidando.

O manejo da língua para escrever depende de uma aproximação que muita gente faz mesmo é depois da escola, além dela, apesar dela. E isso me deixa triste como o diabo. Justo porque é a escola o meu local de trabalho, e é onde menos posso oferecer meus préstimos de quem escreve, gosta e ama escrever, e tem a escrita também como trabalho. Mesmo quando olho aqui do meu posto privilegiado de professora que pode estudar, e estuda, não deixo de sentir uma enorme frustração por não conhecer uma juventude que escreve, que acha aquelas parcas trinta linhas do Enem “fichinha”, que sente segurança para interagir no mundo.

Quero lembrar aqui o que sempre foi a escrita para as mulheres. Porque ela não foi e ainda não é a mesma coisa para os homens. Escrever tem classe social e gênero, em nossa sociedade. Por isso, impulsionar um menino é bom, claro, mas encorajar uma menina é ótimo. Vocês

têm acompanhado, colegas, os movimentos da literatura brasileira contemporânea? As convulsões nos prêmios e nos concursos? A mudança nos perfis de quem faz sucesso?

Escrever, como sabemos há tempos, é poderoso. Isso explica por que o desencorajamento grassa; por que os mitos vicejam; por que ensinar fórmulas toma a aparência da suficiência, quando, claro, é meramente ocupacional; por que deixamos parecer que escrever é para poucos; é porque é. Lastimavelmente.

Escrever pela via lateral

Tem um monte de gente ensinando a escrever fora da escola. Presumo que haja gente querendo aprender e pagando para isso. Se considerarmos que esses cursos e oficinas são sérios, e não são usados apenas para autopromoção de poucos e poucas, isso pode funcionar como uma espécie de via lateral para algo que a escola não faz, mas que eu queria muito que fizesse, dentro ou fora daquele horário amarradinho de relógio.

Fico pensando nas implicações que minhas dúvidas têm. Para ensinar a escrever, é necessário escrever? Ou podemos ensinar o que não fazemos? Bem, o segundo caso merece tanto respeito quanto o primeiro: diretores de teatro ou de cinema nem sempre são atores; editores e editoras de livros não necessariamente são escritores; coreógrafos muitas vezes não são bailarinos; o mesmo com técnicos de futebol e com muitas outras coisas. Há algo nesse ensinar que passa por outros caminhos, e a um professor de produção de texto que não escreve seja muito apropriado ser um ótimo leitor, e isso baste e isso seja espetacular. De outro lado, há muita gente capaz de atuar, escrever ou driblar, mas completamente incompetente para ensinar o que faz. Mil exemplos. Então, pensando aqui em uma das missões de quem é professor ou professora de português, o legal é ensinar bem. E não desviar-se da escrita toda vez que ela quica na área.



Fontes de inspiração

ANTUNES, Irlandé. *Aula de português – Encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003. (Série Aula)

ANTUNES, Irlandé. *Textualidade*. Noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 3 abr. 2023.

KRESS, Gunther. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

POSSENTI, Sírio. *A cor da língua: e outras crônicas de linguista*. Campinas: Mercado de letras, 2001.

POSSENTI, Sírio. *Língua na mídia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

POSSENTI, Sírio. *Questões de linguagem: Passeio gramatical dirigido*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. Improviso, ensaio e expansão: reflexões sobre escola e educação pós-pandemia. *A Cor das Letras*. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS, Feira de Santana, v. 23, n. 3, p. 317-325, set.-dez. 2022. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/index>.

Nota da autora

Meus agradecimentos aos colegas da UERJ e da UFF por este convite e esta oportunidade de encontro; à querida Leonor Werneck pelo almoço, tão animado que quase perco meu voo; ao CNPq pela bolsa; à PUCRS e ao professor Assis Brasil por acolherem minha pesquisa sobre escrita criativa em 2024; ao CEFET-MG por ser esse ambiente de muitas possibilidades.



Ana Elisa Ribeiro é professora Titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). É doutora em Linguística Aplicada, mestre em Estudos Linguísticos, licenciada e bacharel em Letras/Português pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem estágios pós-doutorais em algumas instituições, sempre buscando pesquisar questões de escrita e edição. É pesquisadora do CNPq e da Fapemig. Publicou livros acadêmicos, entre os quais *Linguística Aplicada – Ensino de Português* (com Carla Coscarelli, pela Contexto, 2023), *Multimodalidade, textos e tecnologias* (Parábola, 2021), *Como nasce*

uma editora (Entretantas, 2023) e *Em busca do texto perfeito* (Parábola, 2024). Também escreve para crianças e jovens. Seus títulos literários mais recentes são *Romieta e Julieu* (RHJ, 2021) e *E a princesa não queria casar!* (Yellowfante, 2023).

Modernismos: Poesia em Pernambuco – recortes

Pedro Américo de Farias

Concertar, consertar: Notas sobre preparação de originais e revisão de provas

Leonardo Mordente

Sobre a relação editor-autor

José Luis de Diego

Notícias falsas: Repensando as *fake news* nas redes sociais digitais a partir de notícias falsas impressas sobre política brasileira (séc. XX)

Petrilson Pinheiro

Elas editam: História editorial e arquivos vivos na Colômbia

Paula Andrea Marin Colorado

Tecnologia educacional: Quando o meio é o fim

Vilson J. Leffa

Quem ensina a escrever?

Ana Elisa Ribeiro

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG)

Diretora-Geral

Carla Simone Chamon

Vice-Diretor

Conrado Rodrigues

Chefe de Gabinete

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretora de Educação Profissional e Tecnológica

Lilian Aparecida Arão

Diretor de Graduação

Moacir Felizardo de França Filho

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Laise Ferraz Correia

Diretor de Planejamento e Gestão

Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Patterson Patrício de Souza

Diretora de Governança e Desenvolvimento Institucional

Carolina Riente de Andrade

Diretor de Tecnologia da Informação

Sandro Renato Dias

Diretor de Desenvolvimento Estudantil

Leandro Braga de Andrade

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

Chefe

Sérgio Roberto Gomide Filho

Chefe Adjunta

Ana Elisa Ribeiro

BACHARELADO EM LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO

Coordenadora

Joelma Rezende Xavier

Coordenadora Adjunta

Mariana Jafet Cestari

**Coordenadora**

Elaine Amélia Martins

Coordenadora Adjunta

Ana Elisa Ribeiro

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras: Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

www.led.cefetmg.br | led.cefetmg@gmail.com

© Ana Elisa Ribeiro, 2024.
© desta edição, LED, 2024.
1ª edição, outubro de 2024.

Coordenação editorial da coleção
Ana Elisa Ribeiro e Wagner Moreira

Preparação de texto
Ana Elisa Ribeiro

Projeto gráfico
Antônio de Andrade

Diagramação
Alicia Teodoro

Capa
Antônio de Andrade, Ana Elisa Ribeiro e Alicia Teodoro

Revisão de Texto
Vanessa Alves e Alicia Teodoro

A “Coleção Aspas” tem o objetivo de publicar textos que originalmente foram falados, como conferências, palestras e aulas, de pesquisadores e pesquisadoras convidados/as.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

Ribeiro, Ana Elisa

R484q

Quem ensina a escrever [recurso eletrônico]/ Ana Elisa Ribeiro -
Belo Horizonte: LED, 2024.
18 p. (Coleção Aspas)
ISBN: 978-65-87948-54-6

1. Educação. I. Título.

